



Lã

e

Linho

John Gifford Bellett

Lã e Linho

John Gifford Bellett

Título do original em inglês:

Woollen and Linen – J. G. Bellett

Primeira edição em português – Novembro de 2025

Originalmente publicado por:

BIBLE TRUTH PUBLISHERS

59 Industrial Road, Addison, IL 60101

Estados Unidos da América

Traduzido, publicado e distribuído no Brasil com autorização dos editores da versão original em língua inglesa por **ASSOCIAÇÃO VERDADES VIVAS**, uma associação sem fins lucrativos, cujo objetivo é divulgar o evangelho e a sã doutrina de nosso Senhor Jesus Cristo.

Contato: atendimento@verdadesvivas.com.br

Abreviaturas utilizadas:

ACF – João Ferreira de Almeida – Corrigida Fiel – SBTB – 1994

ARC – João Ferreira de Almeida – Revista e Corrigida – SBB 1995

ARA – João Ferreira de Almeida – Revista e Atualizada – SBB 1993

TB – Tradução Brasileira – 1917

AIBB – João Ferreira de Almeida – Imprensa Bíblica Brasileira – 1967

JND – Tradução Inglesa de John Nelson Darby

KJV – Tradução Inglesa King James

Todas as citações das Escrituras são da versão ACF, a não ser que outra esteja indicada.

Qualquer sugestão de correção será bem-vinda.

Lã e Linho

J. G. Bellett

Parte 1

“Não vestirás uma vestimenta de material misto, lã e linho juntamente” - Deuteronômio 22:11 – JND.

A senda da Igreja de Deus é uma senda estreita, tão estreita que o mero senso moral continuamente a interpretará erroneamente. Mas isso deve ser bem-vindo para nós, porque nos diz que o Senhor deseja que seus santos sejam exercitados em Sua verdade e em Seus caminhos, desaprendendo o simples “certo e errado” dos pensamentos humanos, para que possam ser cheios da mente de Cristo.

O caso de Elias julgando os capitães de cinquenta do rei de Israel, mencionado ao longo dos Evangelhos, traz essas reflexões à mente (veja Lucas 9:51-56). O Senhor havia decidido firmemente ir para Jerusalém, ciente de que **“devia Ele ser assunto ao céu”** (ARA). Algo do pensamento da glória e do reino de Deus movia-se em Sua alma. Creio que a consciência de Sua dignidade pessoal e de Seu elevado destino, como falamos entre os homens, O enchia quando iniciou Sua jornada rumo a Jerusalém. **“E aconteceu que, completando-se os dias para a Sua assunção, manifestou o firme propósito de ir a Jerusalém. E mandou mensageiros adiante de Si”**. A expressão de consciente dignidade irrompe aqui, e dá caráter a esse momento, e os discípulos o percebem. Eles parecem captar o tom de Sua mente e, portanto, quando a primeira aldeia por onde passava o caminho de seu ascendente Senhor lhe recusou entrada, eles se ressentem disso e desejam,

como Elias em outros tempos, destruir esses atrevidos capitães de Israel.

Essa era a natureza, o senso natural também do certo e do errado. Por que, então, o Senhor o repreendeu? Não havia nisso falta nem de justiça nem de afeição. Chegará o dia em que os inimigos de Cristo, que não quiseram que Ele reinasse sobre eles, serão mortos diante d'Ele. Se pensarmos por um instante na Pessoa e nos direitos d'Aquele que foi assim injustiçado e insultado, não havia nada de injusto na exigência: **"queres que digamos que desça fogo do céu e os consuma, como Elias também fez?"**. Tampouco havia uma afeição errada nessa manifestação do coração. O zelo por seu Divino Mestre o impulsionou: essa manifestação pode ser honrada, o senso moral pode justificá-la plenamente; mas Cristo a repreende. **"Vós não sabeis de que espírito sois"**, disse-lhes o Senhor.

Mas por que, pergunto novamente, essa repreensão? Teria sido porque estavam exigindo além das reivindicações d'Aquele a Quem buscavam vingar? Não, como já dissemos, pois tais reivindicações terão o seu dia; mas os discípulos não estavam na inteligência espiritual do momento que atravessavam. Não tinham **"a mente de Cristo"**; não discerniram o tempo de modo a saber o que Israel deveria fazer (1 Crônicas 12); não estavam distinguindo as coisas que diferem; não estavam manejando corretamente a Palavra da verdade. Este foi o seu erro: **"Vós não sabeis de que espírito sois. Porque o Filho do Homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las"**. Não foi um princípio errôneo de ação moral que o Senhor descobriu na alma deles, mas a ignorância quanto ao verdadeiro ou divino caráter do momento pelo qual estavam passando. Eles não perceberam, e assim como os daquele tempo, hoje, milhares de discípulos ainda não percebem que a senda de Cristo para a glória não passa pelo julgamento do mundo, mas pela *renúncia* a ele; não pela

justificação própria, mas pela renúncia própria. Esse foi o engano deles, e foi isso que o Senhor repreendeu. Eles naturalmente pensaram que essa indignidade deveria ser reconhecida; que se a perspectiva da glória estava enchendo a mente de seu Mestre, e se eles próprios, no espírito de tal momento, haviam ido adiante de Sua face para preparar o Seu caminho, tudo o que estivesse no caminho certamente deveria ser removido. A natureza julgou dessa forma; e a natureza, julgando assim, seria justificada pelo senso moral do homem.

Mas a mente de Cristo tem seu modo peculiar, e nada guia o santo plenamente senão ela: a analogia não basta; é preciso a *mente espiritual* para provar e desafiar até mesmo as analogias. Certas correspondências foram notáveis aqui – Elias estava a apenas um ou dois estágios da glória, prestes a ser **"recebido acima"** (TB), quando feriu repetidas vezes os capitães e seus cinquenta. Ele estava num monte cheio de grandes expectativas, podemos dizer, e os carros e cavaleiros de Israel e sua jornada celestial estavam *diante* dele em sua visão. A alma de seu Mestre, aos olhos dos discípulos naquela ocasião, parecia estar muito em companhia da de Elias. Mas as analogias não bastam, e o uso delas aqui estava confundindo tudo, tirando o Senhor Jesus de Seu dia de graça e levando-O para o tempo de Seus juízos; Convidando-O ou instando-O a agir no espírito dos tempos de Apocalipse 11, quando Ele estava na hora de Lucas 4.

As testemunhas de Apocalipse 11 podem ir para o céu através da destruição de seus inimigos, com fogo saindo de sua boca para consumir aqueles que as ferem, como no exemplo de Elias; mas analogias não são a regra. Elas devem ser desafiadas por aquela **"mente de Cristo"** que distingue as coisas que diferem e que ensina, à luz da Palavra, que Jesus vai para o céu através da salvação e não da destruição dos homens; através de Sua renúncia ao mundo e não de Seu julgamento sobre ele. Elias

vingou-se dos capitães atrevidos e então foi para o céu; as testemunhas subirão ao céu, e seus inimigos os contemplarão: mas Jesus assume a forma de Servo e é obediente até a morte, e então Deus O exalta soberanamente. E assim é o santo, e assim é a Igreja. **“Vós sois os que tendes permanecido Comigo nas Minhas tentações. E Eu vos destino o reino, como Meu Pai Me destinou”**.

Aqui estava o erro; aqui estava o não saber de que espírito eles eram. A analogia favorecia fortemente o movimento da mente deles. O senso moral, que julga segundo os pensamentos do homem, e não à luz dos mistérios de Deus, justificava isso. Mas Aquele que divinamente distingue as coisas que diferem, repreendeu isso: **“Vós não sabeis de que espírito sois”**. O caminho dos discípulos aqui teria perturbado tudo, contrariando todo o propósito de Deus. Eles me lembram os servos na parábola do joio. Os discípulos estavam certos segundo os homens, assim estavam aqueles servos também. Não é apropriado arrancar o joio? Não é o joio um obstáculo, dividindo a força do solo com a boa semente, enquanto ele próprio não serve para nada? O senso comum do homem, o julgamento moral correto, diria tudo isso, mas a mente de Cristo diz exatamente o contrário: **“Deixai crescer ambos juntos até à ceifa”**. Cristo julgou somente segundo os mistérios divinos. Foi isso que formou a mente do Mestre, perfeita como era; E é isso que deve formar a mente no santo. Deus tinha propósitos a respeito do campo. Uma colheita estava por vir, e anjos seriam enviados para ceifá-la, e então um fogo seria aceso para o joio já separado; mas ainda, na hora de Mateus 13, não havia anjos trabalhando na colheita no campo, nem fogo aceso para o joio, mas tudo era a graça paciente do Mestre. O Senhor quer o campo limpo por enquanto. Os mistérios de Deus, os pensamentos e propósitos aconselhados do céu, preciosos e gloriosos além de toda medida, exigem isso; e nada é certo senão o caminho que é trilhado na luz do Senhor, no conhecimento dos mistérios do reino dos céus.

Nem tampouco a Igreja há de ir ao céu através de um mundo purificado, regulado ou adornado, assim como Cristo não teria ido para o céu através de um mundo julgado. Isso deve ser bem ponderado; pois qual é o propósito da Cristandade? Justamente contradizer, na prática, tudo isso. A Cristandade pretende regular o mundo, manter o campo limpo, fazer com que o caminho para o céu e a glória passe por um mundo bem ordenado e ornamentado. Ela colocou a espada nas mãos dos seguidores de Cristo. Não esperará pela colheita nem irá **"para outra aldeia"**. Ela vinga as injustiças em vez de sofrê-las. Ela ordena a Igreja segundo os princípios de uma nação bem administrada, e não segundo o modelo de um Jesus rejeitado pela Terra. Ela está repleta dos pensamentos mais falsos; julga segundo o senso moral do homem, e não à luz dos mistérios de Deus. Ela é sábia a seus próprios olhos.

Sei perfeitamente que, em meio a tudo isso, batem mil corações sinceros em seu amor por Cristo; mas eles não sabem que tipo de espírito são. Sei que o zelo, se for por Cristo, ainda que mal direcionado, é melhor do que frieza de coração ou indiferença quanto aos Seus direitos ou às ofensas dirigidas a Ele. Mas ainda assim, o único caminho perfeito é aquele que é trilhado diante dos olhos do Senhor, no entendimento dos mistérios de Deus, do chamado de Deus e das direções da energia do Espírito, e não meramente segundo os costumes ou os ditames da moral e dos pensamentos dos homens. E o chamado de Deus agora exige que o campo com o joio seja deixado sem purificação, que a indignidade dos samaritanos seja deixada sem vingança, que os recursos e a força da carne e do mundo sejam rejeitados em vez de usados, e que a Igreja alcance os céus, não através do julgamento do mundo por suas próprias mãos, mas pela renúncia a ele em seu coração e pela separação dele em companhia com um Mestre rejeitado.

“Quem Comigo não ajunta, espalha” (Lucas 11:23), ou seja, quem não trabalha segundo o propósito de Cristo está, na verdade, piorando a situação. Não basta trabalhar com o nome de Cristo: nenhum santo consentiria em trabalhar sem isso; mas se não trabalha segundo o propósito de Cristo, ele está espalhando. Muitos santos estão agora empenhados em corrigir e adornar o mundo, transformando a Cristandade numa casa varrida e adornada; mas, como esse não é o propósito de Cristo, ela está auxiliando e promovendo o avanço do mal. Cristo não expulsou o espírito imundo do mundo. Ele não tem tal propósito no presente. O inimigo pode mudar sua forma de agir, mas continua sendo tanto **“o deus”** e **“príncipe deste mundo”** como sempre foi. A casa ainda lhe pertence, como na parábola (veja Lucas 11:24-26). O espírito imundo havia saído: isso era tudo; ele não havia sido expulso pelo homem mais forte; de modo que seu direito sobre ela era claro. E ele retorna, e tudo o que encontra lá só faz *aumentar o seu interesse pela casa*. Ele a encontra varrida e adornada; de modo que retorna com muitos espíritos semelhantes, e assim torna seu último estado pior do que o primeiro.

Erros desse tipo são erros muito antigos. Davi errou dessa maneira quando propôs construir uma casa para o Senhor; mas foi um erro, embora cometido com um desejo correto em seu coração. O tempo de construir uma casa para o Senhor ainda não havia chegado, porque o Senhor ainda não havia construído uma casa para Davi. A terra ainda estava contaminada com sangue; e enquanto não fosse purificada, não haveria lugar para o descanso e o reino do Senhor. Davi, portanto, errou gravemente, não por duplicidade de ânimo, mas por ignorância. O erro de Davi foi este: achar que o Senhor poderia tomar o Seu trono na Terra antes que a Terra fosse purificada.

Os servos da parábola erraram, em outra direção, ao fazer *da Igreja* o instrumento de purificação da Terra ou do mundo. Eu poderia dizer, na linguagem da ordenança levítica, que Davi estava prestes a vestir **“uma vestimenta de material misto”** (JND), mas o Senhor o impediu. O movimento do seu coração – na medida em que expressava a si mesmo – era aceitável ao Senhor, mas ainda assim foi impedido e frustrado. Tudo isso nos ensina o quanto o Senhor é zeloso para que os Seus princípios sejam observados e para que a posição em que Ele estabeleceu os Seus servos e Suas testemunhas seja mantida; sim, até mesmo o desejo mais afetuoso e zeloso do santo, embora seja valorizado pelo Senhor e receba sua recompensa ou aceitação pessoal, jamais poderá reconciliar a mente do Senhor com o abandono dos Seus pensamentos e propósitos. Tudo seria confusão. Os pensamentos de Davi, por mais inocentes que fossem e, de certa forma, passíveis de aprovação por parte de Deus, teriam confundido tudo, produzindo este estranho resultado: o Senhor assumindo o Seu trono em um reino impuro e permitindo que o Seu servo Lhe desse descanso antes mesmo de Ele próprio ter dado descanso ao Seu servo! Que confusão isso teria sido! Que mau testemunho teriam produzido esses princípios mistos! Se isso tivesse sido permitido, quem poderia ter reconhecido no resultado a *graça* ou a *glória* do Deus de Israel?

A repreensão de Pedro em Antioquia foi mais taxativa; pois Pedro errou, não como Davi, por ignorância, mas por aquele ocasional temor do homem, que, como nos é ensinado e como experimentamos, **“armará laços”**; e foi algo pior do que confusão, foi perversão (em Deuteronômio 20:19-20 temos uma ordenança contra a perversão, ou seja, contra o uso indevido das coisas). Mas mesmo que se trate apenas de confusão, e que tenha sido causada pelo servo mais querido e amado, não deve ser permitida, como demonstra o caso de Davi; assim como em seu outro ato de trazer a arca de Quiriate-Jearim. A confusão ali não se tornou desculpável por toda a sinceridade e alegria religiosa que

a acompanharam (1 Crônicas 13): isso não seria possível. Não se devia ceder a isso nem por um momento, por mais aceitável que fosse diante de Deus o movimento do coração de Davi, esses caminhos deviam ser resistidos, porque o caminho, o propósito, o conselho e os pensamentos do Senhor são preciosos aos Seus olhos e devem permanecer para sempre. Não se trata de Davi ou Pedro serem homens de princípios mistos, como se diz, ou de estarem usando, como menciona a ordenança, vestes de lã e linho; mas esses exemplos na história deles ilustram uma séria verdade, que deve ser muito lembrada: que o Senhor defenderá Seus próprios princípios, mesmo diante de Seus servos mais queridos; que Ele deve resistir e resistirá aos movimentos do coração deles, se eles obscurecerem ou perturbarem Seu propósito e Seu testemunho, ainda que tais movimentos tenham um caráter pessoal e moral, que Ele possa aceitar e das quais Se deleitar neles.

Mas, além dos casos de Davi, Pedro e dos discípulos em Lucas 9, os quais, em zelo equivocado e mal aplicado em relação ao Senhor a Quem amavam, teriam vingado as afrontas feitas a Ele com uma afeição verdadeira e justa, há uma geração que se mostra afastada do caminho de Deus, por causa da *duplicidade de ânimo*. Tal geração pode ser rastreada por toda a Escritura, um povo de princípios mistos, como dizemos, que veste roupas de lã e linho, contrariamente ao chamado de Deus e aos puros preceitos da Sua casa. Observar tal geração pode ser humilhante para alguns mais do que para a maioria dos outros, mas isso traz proveito para a alma e é oportuno neste momento.

Ló esteve associado ao chamado de Deus. Assim como Abraão, seu tio, ele deixou a Mesopotâmia e, após a morte de Terá, seu avô, veio com Abrão para Canaã. Era um homem justo, e não havia mácula visível em sua conduta. Abraão revelou os caminhos da natureza, recuperando-se repetidamente, com vergonha

também, do laço do Egito e de Abimeleque. Mas Ló não foi repreendido dessa forma durante todo o tempo em que peregrinou em Sodoma. Lemos apenas que sua alma justa foi afligida pela vida dissoluta dos homens abomináveis. Apesar disso, ele era tristemente da geração da qual estou falando. Se a roupa de Abrão se sujava de vez em quando, não era uma **“roupa de diversos estofos misturados”**, mas a roupa de Ló era **“de lã e linho”**. *Ele foi infiel ao chamado de Deus:* tornou-se cidadão quando deveria ter sido apenas um peregrino, escolhendo planícies bem regadas e morando em uma casa na cidade, enquanto a testemunha de Deus peregrinava por toda a região, de tenda em tenda e de tabernáculo em tabernáculo. Poucos erros são registrados sobre Ló; mas e daí? Ele foi um homem de princípios mistos durante toda a sua vida, enquanto Abrão foi fiel ao chamado de Deus durante toda a sua vida. E sua vida de falsos princípios leva Ló a sofrimentos que são sua vergonha, e *essa é a verdadeira miséria do sofrimento*. Ele foi levado cativo enquanto vivia nas planícies de Sodoma e esteve perto da destruição depois de se mudar para a cidade de Sodoma, e ele ainda é, e sempre tem sido na Igreja, o testemunho de alguém salvo, é verdade, mas **“como que pelo fogo”**. Ele não tinha consolo em sua alma; sua alma justa era afligida dia após dia. Isso é contado sobre ele, mas não há brilho nisso: nenhum gozo, nenhuma força, nenhum triunfo de espírito é relatado dele.

Os anjos mantiveram muita reserva em relação a ele, enquanto o Senhor dos anjos estava em proximidade e intimidade com Abraão. Ele teve que escapar tendo sua vida como um despojo, enquanto Abraão estava no alto, contemplando o juízo à distância. E o que é cheio de significado, observamos, é que depois de ter seguido seu próprio caminho e se tornado um homem de princípios mistos, desviando-se da senda onde o chamado de Deus o teria mantido, ele e Abraão não tiveram comunhão. Abraão correu em seu auxílio, no dia em que seus princípios o colocaram em perigo; mas não há comunhão entre eles. Eles não podiam se

encontrar em espírito. O santo de Deus o reconhecerá como seu parente e prestará o devido serviço ao parente; mas não há comunhão presente entre eles. E este não é um caso incomum até mesmo no dia de hoje. Assim foi Ló. Em vez de confirmar seu chamado e eleição, ele é alguém que o povo de Deus recebe pelo testemunho extraordinário do Espírito Santo, e não sobre a credibilidade necessária e abençoada de seu chamado assegurado por Deus, ou como alguém daquele povo de quem Paulo pôde dizer: **“Sabendo, amados irmãos, que a vossa eleição é de Deus”**.

A natureza prevalece, de forma triste e variada em todos os santos de Deus registrados na Escritura; em alguns mais, em outros menos, assim como a frutificação do Espírito se manifesta neles em afeições e serviços, em alguns trinta vezes, em outros sessenta e em outros cem. Mas isso é diferente de serem homens de princípios mistos. Assim foi com Davi. A natureza prevaleceu nele em alguns momentos, mas ele nunca foi um homem de princípios mistos. Ele nunca se envolveu deliberadamente em uma relação que fosse infiel ao chamado de Deus sob o qual ele deveria agir. Seu caráter foi formado por esse chamado, e seus caminhos estavam de acordo com ele, mas não foi assim com seu amigo Jônatas; sua vida não foi formada pelo chamado de Deus e pela energia do Espírito operando sob o princípio desse chamado. Ele agiu com nobreza e graça em alguns momentos, mas ainda assim não era um homem separado. Ele não foi fiel aos princípios puros de Deus manifestados naquele *dia*. Ele era um homem de fé e de muitas ternas afeições espirituais, que lhe garantem, sem reservas, um lugar nas lembranças dos santos.

Mas, apesar disso, ele não estava onde o chamado de Deus o teria levado. A corte de Saul era então um lugar contaminado, até mesmo apóstata. Deus estava com Davi nesse tempo. A glória estava no deserto com ele; as cavernas e os esconderijos da Terra a ocultavam naquele dia. O éfode estava com Davi, o sacerdote, a

espada da força de Deus, a testemunha da vitória. O *trigo* e a promessa da terra também estavam com ele, aqueles que conquistam um nome na caverna de Adulão, ou no dia da vingança em *Ziclague*. Tais filhos de Israel, como esses, que brilham depois na corte e no arraial do reino, estavam todos com Davi naquela época. O chamado de Deus foi então dirigido às cavernas e aos esconderijos da Terra, com o filho de *Jessé*, e a energia do Espírito operava ali; mas Jônatas não estava lá.

Essa é a triste história. Jônatas não estava onde a glória estava, onde o sacerdote com o éfode estava, onde o homem rejeitado segundo o próprio coração de Deus estava, onde toda a promessa do reino vindouro estava. Essa é a triste história. Jônatas era uma pessoa amável, havia praticado alguns nobres feitos e respirava algumas afeições celestiais; e até o fim, podemos ter certeza, Davi viveu em seu coração; e podemos ter a mesma certeza de que esse mesmo coração estava afligido por muitas dúvidas a respeito de seu próprio pai. Ele nunca deu a Davi nada senão regozijo; ao passo que sabemos que aqueles que acompanhavam Davi, mesmo em suas aflições, foram, por vezes, uma vergonha e aflição para ele. Mas ainda assim, a posição de Jônatas não era fiel ao chamado de Deus naquele dia. Essa posição o mantinha afastado de tudo o que era de Deus então, embora ele tivesse o Senhor consigo pessoalmente. Até cair no Monte Gilboa, ele esteve com o arraial e com a corte que caíram ali com ele, desonrados e derrotados como estavam, tendo já antes mesmo perdido a glória, e tudo o que era de Deus quanto à nação se havia retirado deles.

Ele ilustra uma situação comum. Acaso seria ignorância do chamado de Deus ou duplicidade de ânimo? Não ousaremos afirmar, mas ainda hoje, como Jônatas, há muitos santos, queridos ao nosso coração e que se destacam em graças pessoais acima da grande maioria da época, mas que se encontram afastados do

lugar onde opera a energia do Espírito, segundo a ordem da dispensação. Eles realizam feitos nobres e generosos individualmente; mas a sua ligação é a sua desonra, como foi a de Jônatas – ligados a um mundo que em breve enfrentará o juízo, e em cortes e arraiais que hão de jazer no meio dos incircuncisos, com aqueles que serão mortos à espada. **“Não o noticieis em Gate, não o publiqueis nas ruas de Ascalom”**. Jônatas ilustra isso, e isso é amplamente conhecido até hoje. Mas Jônatas não pode sancionar aquele lugar; a presença de Jônatas não tornou o arraial ou a corte de Saul diferentes do que eram. A única impressão que a alma tem de Ló em Sodoma é a de um Ló *contaminado*, e não a de uma Sodoma *sancionada e purificada*. De acordo com o que está escrito em Ageu: **“Se alguém leva carne santa na orla das suas vestes, e com ela tocar no pão, ou no guisado, ou no vinho, ou no azeite, ou em outro qualquer mantimento, porventura ficará isto santificado? E os sacerdotes responderam: Não”**. Mas **“Se alguém que for contaminado pelo contato com o corpo morto, tocar nalguma destas coisas, ficará ela imunda? E os sacerdotes responderam, dizendo: Ficarà imunda”**.

Existem, porém, **“as coisas que diferem”**¹, e a alma exercitada por Deus deve distingui-las. Há uma roupa *manchada*, que, no entanto, ao mesmo tempo, não é uma roupa *mista*, uma roupa de **“diversos estofos”**, de **“lã e linho”**. Nosso caminho sob a direção do Espírito é manter nossas roupas imaculadas; e qualquer coisa diferente ou inferior a isso não é o caminho da comunhão com o Senhor. Mas ainda assim, *uma roupa manchada não é uma roupa mista*; nem deve ser confundida uma roupa que tem, aqui e ali, um fio de outro tipo, com uma roupa cuja própria textura é tecida segundo o princípio de **“lã e linho”**. A Escritura, sempre frutífera e perfeita, apresenta caracteres formados pelo que tem sido chamado de “princípios mistos” e caracteres que ocasionalmente se tornam contaminados por tais princípios, mas não são formados inteiramente por eles.

A vida de Ló, como temos visto, foi formada inteiramente por princípios mistos. Havia duplicidade de espírito em Ló; não digo isso com a mesma clareza que digo em relação a Jônatas; Mas ainda assim, a vida de cada um deles, do princípio ao fim, quando o cenário da tentação se instalou, foi manchada pela *ligação com o mal*. Ló, embora associado ao chamado de Deus, era um homem da Terra; Jônatas, embora testemunhando as aflições de Davi e as injustiças feitas a ele, continuou a defender os interesses do perseguidor até o fim. A vida deles foi, portanto, moldada, do princípio ao fim, por conexões que não eram fiéis quanto ao caminho de Deus e à presença da glória. As vestes de cada um deles eram feitas de diversos tipos de materiais, de lã e linho.

Mas observe Jacó, em contraste, e nele encontramos um homem de outra geração: ele era um homem cauteloso, que tinha seus temores, planos e cálculos mundanos; e estes desfiguraram grandemente várias passagens de sua vida. A construção de uma casa em Sucote, a compra de uma parte do campo em Siquém, foram coisas incompatíveis com a vida de peregrino, com a vida na tenda, que um filho de Abraão era chamado a conhecer. Mas Jacó não deve ser comparado a Ló; Sua vida não foi moldada por Sucote e nem por Siquém, embora o vejamos ali, e fora de seu caráter, mas sim como um estrangeiro diante de Deus, na Terra. E nos últimos dias de sua peregrinação, quando estava no Egito, apesar de muitas circunstâncias ao seu redor que o tentavam a agir de outra forma, temos muitos belos testemunhos do estado saudável e restaurado de sua alma.

Lã e Linho: Parte 2

“Não vestirás uma vestimenta de material misto, lã e linho juntamente” - Deuteronômio 22:11 – JND.

Os dias de Acabe, rei de Israel, rei das dez tribos, citando como exemplo, foram repletos de exemplos dessas misturas. Naqueles dias houve um Elias e um Micaías, um Josafá e um Obadias, além de sete mil que não se curvaram diante da imagem de Baal; e todos esses em meio ao mais vil afastamento dos caminhos de Deus, nos tempos de Jezabel e suas abominações.

Porém, todos esses exemplos não devem ser considerados da mesma forma. Para usar a linguagem de **"lã e linho"**, ou vestes **"de diversos estofos"**, eu diria, não havia como confundir as roupas de Elias e Micaías. O cinto de couro de um e as amarras de prisão do outro nos dizem que homens eles eram e indicam sua completa separação.

Não podemos falar especificamente dos sete mil; sabemos deles apenas sob a perspectiva de Deus como **"um remanescente, segundo a eleição da graça"**, e que, em um dia mau, eram **"todos os joelhos que não se dobraram a Baal"**. Mas Obadias não era Elias, e, novamente, ainda precisamos fazer a distinção entre ele e Josafá; tal era a variedade moral ilustrada para nossa admoestação nestes dias.

Josafá, rei de Judá, da casa e linhagem de Davi, era um homem separado, mas que, por vezes, e em grande medida, se encontrava em relações contaminadas. Ele pertencia à geração de Jacó, embora talvez essa geração fosse ainda mais falha do que a de Jacó. A vaidade o traiu repetidamente, assim como a política mundana traiu o patriarca. Josafá se aliou a Acabe. No dia da batalha, vestiu as roupas reais; uma vestimenta triste e vergonhosa, de **"diversos estofos"**, que quase lhe custou a vida,

assim como a mesma roupa quase custou a vida de Ló na cidade de Sodoma. Ali, ele agiu em terrível inconsistência com a santidade e a separação da casa de Davi. Mas, apesar de tudo isso, não estou disposto a colocar Josafá na mesma categoria que Ló. Sua vida não foi pautada por princípios mistos; Sua vestimenta não era feita, com a intenção de haver **"lã e linho"** juntos, o que, de maneira lamentável e vergonhosa, contradiz o testemunho que convinha a um filho de Davi e rei em Jerusalém. Ele realizou feitos muito nobres, e seu espírito respirava afetos muito profundos, e o Deus de seu pai o reconheceu; mas, como Jacó, e de forma ainda mais dolorosa, ele foi traído; foi traído em ligações que tornaram seu testemunho algo muito confuso e imperfeito. Não era apenas a *natureza* prevalecendo em certos momentos – isso pode ser visto em todos, naqueles da melhor geração, em Abraão e em Davi. Isso não era apenas uma vestimenta *suja* cuja mancha é palpável, mas uma vestimenta cuja textura é mal se discerne, se de fato era de um tipo específico, ou uma vestimenta condenada de **"lã e linho"**: tão vergonhosamente os **"diversos estofos"** aparecem nela em alguns momentos, mas não em toda a sua extensão.

Mas a vestimenta que Obadias usava naqueles dias não pode ser confundida. Não é preciso um exame minucioso para perceber o que é. Os **"diversos estofos"** de lã e linho podem ser vistos nela da cabeça aos pés. Sua *vida* era assim. Não se tratava apenas de ele ter sido traído em alguns momentos, nem de seu caminho ter sido manchado às vezes, mas toda a sua vida revela um homem de princípios mistos. Ele era um homem piedoso, mas seus caminhos não estavam de acordo com a energia do Espírito naquela época. Ele se importava com as aflições dos profetas, escondendo-os da perseguição em cavernas e alimentando-os ali; mas, ao mesmo tempo, ele era conselheiro, companheiro e ministro do rei Acabe, em cujo reino a iniquidade era praticada. O **"linho e a lã"** formavam, portanto, a vestimenta que ele usava por toda a sua vida. Não era o cinto de couro de Elias; e, quando as duas se encontram, essa diferença se preserva e se expressa de

forma mais marcante. Obadias se esforça para apaziguar a mente de Elias. Ele o lembra do que fez pelos profetas de Deus perseguidos no dia de sua angústia e lhe diz que temia ao Senhor; mas Elias se aproxima dele lenta e friamente. Doloroso é tudo isso entre dois santos de Deus; mas está longe de ser algo raro de ser experimentado; eu diria que é algo comum; porém, muito mais comumente sentido do que reconhecido (1 Reis 18).

Não poderia ter havido harmonia entre o espírito de Abraão e de Ló depois que Ló seguiu o caminho de seus olhos e de seu coração, e continuou nessa direção – tornando-se um cidadão de Sodoma. É verdade que isso não nos é dito na história; mas descobrimos, como observei antes, que eles nunca mais se encontraram depois disso, e podemos facilmente entender o porquê. Porque *tais* coisas *ainda* são reais e vivas. Os Abraões e os Lós de hoje não se encontram; ou, se se encontram, não é comunhão. Eles *não* desfrutam do refrigério nas entranhas de Cristo. Abraão resgatou Ló das mãos do rei Quedorlaomer, mas esse não foi um encontro de santos; eles não poderiam se fundir. E se o povo de Deus não consegue se unir em *caráter*, é melhor que esteja separado. Em espírito, eles já estão separados.

Assim aconteceu, numa expressão muito mais vívida, com Elias e Obadias. O homem com o cinto de couro – o estrangeiro de Deus na terra nos dias de Acabe – raramente se encontrava na companhia do mordomo da casa de Acabe. Mas eles se encontram num dia mau, um dia que pode nos lembrar o dia do vale dos poços de betume, o dia do cativeiro de Ló. Acabe, seu senhor, havia dividido a terra com Obadias para buscar água no dia da seca. O Senhor, seu Deus, havia colocado a espada de seu servo Elias sobre a terra para que não houvesse chuva nem orvalho; e, numa hora de perplexidade para Obadias e da missão de Elias sob a autoridade de Deus, eles se encontram.

A ocasião é interessante e significativa, e traz lições para nossa alma.

Há um esforço da parte de Obadias e uma reserva por parte de Elias. Isso é natural e necessário. Obadias busca se unir a Elias, mas Elias resiste a esse esforço. Obadias chama Elias de **“meu senhor”**, mas Elias o lembra de que Acabe é o seu senhor. Ora, isso não funcionará. Não devemos servir ao mundo e seguir em frente em seu curso às ocultas uns dos outros, para depois, quando nos reunimos, presumir que nos encontramos como santos. Isso não funcionará; mas a tentativa de fazer assim é muito natural, aliás, é muito comum nos dias de hoje. Mas Elias agiu de acordo com seu caráter, fiel ao seu irmão agora como havia sido ao seu Senhor antes; e isso é belo e precioso, e deveria ser assim sempre que encontrássemos um irmão. Obadias havia caminhado com o mundo na ausência de Elias, e Elias não podia permitir que Obadias agora presumisse que era um com ele, embora estivesse em sua presença. Obadias roga: **“Em que pequei?”**, diz ele, **“para que...”**, etc. Mas por que isso? Elias não o havia acusado de pecado. Por que esse alarme e perturbação de espírito? Elias não estava colocando a vida de Obadias, sua segurança ou qualquer um de seus interesses em risco; ele não estava perturbando nada que lhe pertencesse. Por que esse alarme e o refúgio no pensamento, ou a justificativa no fato de que não havia pecado?

Esse é um estado de alma pobre e baixo quando um santo tem apenas a consciência disto – de que não pecou. É isso suficiente para desfrutar da comunhão ou entender a mente de um Elias? Acaso Obadias não estava no palácio de Acabe quando Elias estava junto ao ribeiro de Querite? *Essa* é a questão, e não se ele havia estado pecando ou não. Acaso Obadias estava com ele junto à panela de farinha ou a botija de azeite? Elias não lhe disse que havia pecado; Obadias não precisava se proteger ou se recomendar dessa forma. Mas Elias não podia deixar de lhe mostrar que o espírito deles não estava em sintonia, pois eles haviam se encontrado vindos de lugares diferentes. **“Porventura não disseram a meu senhor o que fiz, quando Jezabel matava os profetas do SENHOR?”** Mas o que isso tinha a ver com o ponto em questão? Elias não estava relembrando sua história passada:

seria melhor deixar a maior parte dela não contada. E é algo lamentável para um santo de Deus negociar dessa maneira com seu caráter ou com seus caminhos passados. Isso não é um título, um título suficiente, para a presente comunhão dos santos, nem *capacidade* para ela.

E estes são os pensamentos, refúgios e alegações de Obadias, agora que ele está na presença de uma testemunha fiel de Cristo. Ele não havia pecado e, no passado, havia prestado serviço. Que visão limitada da vocação comum do povo de Deus deve ter a alma que pensa que possa manter-se assim, e que os santos possam continuar juntos sobre um título e capacidade como este! Pois, se servimos ao mundo enquanto estivermos às ocultas uns dos outros, ainda que não tenhamos pecado, como dizem, e ainda que tenhamos tido bom caráter e prestado serviços em dias passados, não estaremos aptos para a presença uns dos outros como santos de Deus.

Temos nós estado no céu ou na corte de Acabe? Temos feito provisão para a carne ou desejado as coisas de Cristo? Há outras coisas além de alegar que **“não pecamos”** ou de nos apoiar sobre um caráter estabelecido e em serviços passados. É apenas estando no céu que nos torna aptos para a verdadeira comunhão dos santos. Obadias era o mordomo da casa de Acabe; *como poderia* alguém como Elias se sentir confortável ou à vontade com ele? Ele sentia reservas e expressava isso em seu comportamento, se não em palavras. Obadias era o homem das palavras nessa ocasião – o que também era natural e é o estilo comum em tais ocasiões ou em tais interações entre os “Elias” e os “Obadias” até os dias de hoje. Pois, de fato, não há comunhão quando há esforço de um lado e reserva do outro.

Certamente, essa não é a comunhão dos santos. Mas tudo isso tem sua voz e é algo bastante comum em nossos dias. Eles não estavam em comunhão um com o outro: esse era o fato. O espírito deles não podia se misturar. A vestimenta de diversos estofos, de lã e de linho, que um santo de Deus inevitavelmente

teria de usar na corte de Acabe contrastava fortemente com o cinto de couro de uma testemunha separada e sofredora de Cristo. Vemos este santo de Deus assim, com suas vestes parcialmente coloridas, apenas uma vez; mas esta voz está repleta de significado santo e solene para nós. A pobre viúva de Sarepta, a quem Elias havia deixado recentemente, desfrutava de toda a compaixão de Elias; e aquela humilde e distante casa, com a sua panela de farinha e sua botija de azeite, havia testemunhado uma comunhão viva entre almas semelhantes e havia apresentado uma cena que tinha sua origem e sua recompensa em Deus. Mas Elias e Obadias não estavam em comunhão um com o outro dessa forma. Elias era fiel demais para permitir que Obadias se aproximasse dele em espírito, ou para corresponder ao esforço que ele fazia para conciliá-lo.

Há caráter em tudo isso, tenho plena certeza. Abraão e Ló nunca se encontraram, como já dissemos, depois que se separaram, quando Ló levantou os olhos para as planícies bem regadas de Sodoma. Havia uma distância *moral* mais do que suficiente para mantê-los apartados, embora uma jornada de sábado pudesse tê-los reunido. Esta é uma evidência muito significativa! E o mesmo se aplica a Elias e Obadias: o encontro deles não foi um encontro. Da mesma forma, o resgate de Ló por Abraão das mãos de Quedorlaomer não poderia ser chamado de encontro. Isso não era "*a comunhão dos santos*". Isso não era recrear as entranhas no Senhor. Mas tudo isso repete para o coração uma história já bastante conhecida.

Ebede-Meleque, nos dias de outro Elias, era um homem dessa geração de Obadias, embora não tão marcado quanto seu irmão mais velho. Assim como Obadias, ele amava o profeta de Deus e, mesmo diante de uma corte injuriosa e insultuosa, e impedido pela política tímida do rei, intercedeu por Jeremias e o serviu com graça e serviço pessoal. Mas ele não era uma testemunha como o profeta era. Ele temia os caldeus (Jeremias 39:17), que era a espada da ira do Senhor, e essa não era a condição da testemunha do Senhor. Mas sua fraqueza não foi desprezada na

rica graça de Deus. Sua medida recebeu novamente sua medida, e no dia do julgamento do Senhor, Ebede-Meleque recebeu sua vida como despojo, enquanto Jeremias foi honrado. Ebede-Meleque foi salvo então, mas isso foi tudo; o profeta foi recompensado.

Assim, vimos uma geração em outros dias que, embora fosse povo do Senhor, se mostrava tristemente distante do lugar para o qual o chamado de Deus os teria conduzido. Assim foi Ló, assim foi Jônatas, e tais foram Obadias e Ebede-Meleque. Neles havia em maior ou menor grau, duplicidade de ânimo, ou amor ao mundo com maior ou menor força na alma de cada um deles. Mas tal geração é abundante até os dias de hoje. Santos são vistos em situações e conexões das quais o chamado de Deus os separaria tão certamente quanto teria mantido Ló fora de Sodoma. Mas isso pode ser acrescentado com igual certeza em uma infinidade de casos: essa conexão impura surge da ignorância ou da falta de corações instruídos no reino de Deus. Eles não têm ouvido a voz dos mistérios do reino, mas têm consultado a carne e o sangue. Não ouviram a voz do Bom Pastor chamando-os *para fora*. Eles não entenderam a Igreja como uma estrangeira celestial na Terra, e essa conexão – a conexão religiosa – com o mundo é como Ló em Sodoma, ou um israelita com uma vestimenta de **“diversos estofos de lã e linho juntamente”**.

O mundo está marcado para o juízo com ainda mais certeza do que Sodoma estava; *dez justos* teriam poupado as cidades da planície, mas nada pode cancelar o juízo deste **“presente século** (mundo) **mau”**.

Permitam-me acrescentar, porém, que a distinção entre Ló e Jônatas pode ser vista em muitas pessoas hoje em dia. Ló não tinha nada que justificasse a existência de Sodoma para ele: tudo o que ele *sabia* ser *de Deus* estava fora dela; e nem mesmo a natureza tinha argumentos em favor de Sodoma. Abraão e Sara estavam fora, testemunhas do chamado e da presença de Deus, e

seus parentes na carne. Tudo o que era santo, fosse na *religião* ou na *natureza*, estava fora; e as providências intercediam por ele com o mesmo propósito, pois as *planícies* de Sodoma já o haviam colocado em risco de vida e liberdade, e elas o haviam advertido para temer aquela cidade. Era o mundo, e nada além disso, que se fazia ouvir no coração de Ló em favor de Sodoma. Mas, no caso de Jônatas, a natureza tinha um argumento. Tudo o que era de Deus, é verdade, estava naquele dia fora da corte e do arraial de Saul; mas os laços familiares, a voz da natureza, aliás, a autoridade da natureza eram conhecidas e sentidas de dentro. O pai e a família estavam lá, embora Davi e Deus não estivessem.

E assim é hoje em dia. Há muitas coisas que clamam de dentro. A natureza, as questões morais e religiosas clamam dali; oportunidades de serviço e testemunho, obediência à autoridade, manutenção da ordem, os perigos e males que ameaçam o bem-estar social, a paz das famílias e o exemplo para crianças e empregados – todas essas coisas são apresentadas como razões, e todas procedem de dentro, apresentando diversas reivindicações em favor do curso do mundo.

Mas todas essas coisas, e quaisquer outras semelhantes, somadas, jamais poderão falar ao santo, nem pleitear com ele com a autoridade do chamado de Deus. Se a Igreja é uma estrangeira celestial na Terra, a aliança com o mundo a contamina, aliás, a arruína como testemunha para Deus; e contaminar dessa maneira, seduzir e desviar do lugar de testemunho, é o propósito do inimigo, e tem sido assim desde o princípio. Não foi a serpente no jardim que seduziu Adão, afastando-o do lugar onde o *Senhor Deus o havia colocado*? Aliás, antes mesmo disso, não nos é dito sobre os anjos que pecaram, que *não guardaram o seu estado original*?

Assim, depois, com Israel, **“vós sois as Minhas testemunhas”**, diz o Senhor a respeito deles; mas o inimigo prevaleceu até que o testemunho se perdeu. **“A Minha casa será chamada casa de oração; mas vós a tendes convertido em covil de ladrões”**. Aqui

estavam tentativas bem-sucedidas do inimigo de *arrancar do lugar onde Deus havia estabelecido o Seu testemunho*. Não se tratava meramente de uma sujeira, uma mancha ou uma ruptura, mas de uma revolta, um afastamento, uma rendição ao inimigo do grande propósito ou pensamento de Deus.

O efeito contrário, precisamente na tentativa idêntica, como já foi observado por alguém, se vê em Jesus. **"Se Tu és o Filho de Deus"**, disse o tentador. Seu propósito era levá-Lo a abandonar Seu lugar, Seu lugar de perfeita e completa submissão, que conhece somente a vontade de Deus. Mas tudo era perfeição e vitória em Jesus, e somente em Jesus, tanto antes quanto depois d'Ele; pois o testemunho desta dispensação foi corrompido tanto quanto os outros. Aquela que deveria ser uma estrangeira celestial na Terra, a companheira do Cristo rejeitado, aliou-se infielmente ao mundo *que O rejeita*; e que ruína pode ser mais completa do que esta?

O **"homem de Deus"**, que foi enganado pelo velho profeta, teria encontrado segurança nos princípios divinos se sua alma estivesse atenta a eles. A *palavra recebida*, certamente, o teria protegido, pois proibia expressamente que comesse e bebesse naquele lugar. Mas os *princípios divinos* também lhe teriam servido de refúgio. A palavra que ele havia recebido, ao partir em sua jornada, estava fundada nesses princípios, como podemos facilmente perceber. Pois como, pergunto, poderia o Senhor usar um vaso impuro? O velho profeta havia sido claramente descartado como não idôneo para uso do Mestre. Ele habitava na própria cidade onde o Senhor tinha um assunto a tratar, mas foi deixado de lado. O Senhor havia descido a *Judá* para obter dali uma testemunha contra o altar de Betel, embora um de Seus santos vivesse exatamente naquele local. Como poderia o **"homem de Deus"** pensar que o Senhor poderia usar o profeta de Betel como Seu vaso? Ele já o havia deixado de lado. Ele já o havia tratado, dessa maneira, como impróprio para Seu uso, segundo os princípios da Sua própria casa, de que *um vaso não purificado não serve para o serviço* (2 Timóteo 2). Como pôde o

homem de Judá ser descuidado com tudo isso? A palavra que ele havia recebido era suficiente para lhe dizer como esse princípio da honra de Deus estava, naquele momento, por assim dizer, vivo nos pensamentos de Deus, pois ele fora proibido de comer ou beber naquele lugar imundo, e também de retornar pelo caminho por onde viera: tão específico era o mandamento em mantê-lo afastado de toda comunhão com aquilo contra o qual Ele o estava empregando para testemunhar. E, no entanto, **“o homem de Deus”** é enganado a receber uma mensagem como se viesse do Senhor pelas mãos de alguém que estava em contato e comunhão com a coisa imunda, contra a qual ele havia sido trazido de tão longe, de Judá, para testemunhar! Estranho esquecimento! Triste e vergonhosa negligência para com os princípios da casa de Deus. Santo como era, e servo como era, fiel também, diante das ofertas de um rei – seu cadáver não irá para o sepulcro de seus pais (1 Reis 13).

Quando os olhos são simples, todo o corpo será luminoso. Há consistência e harmonia na ação, quando o princípio que a move se mantém puro e sem misturas. A ação de Micaías em 2 Crônicas 18 foi dessa natureza, mas o corpo de Josafá estava longe de ser **“luminoso”** (TB). Na hora em que deixou Micaías para ir à prisão do rei de Israel, enquanto ele próprio acompanhava o rei à batalha, quem reconheceria Josafá como um santo de Deus? Onde estava o corpo **“luminoso”** então? Era o obscurecimento e a escuridão de toda a iluminação da qual ele realmente participava. Não havia harmonia, não havia um meio-dia puro e sem nuvens, marcando o caminho de Josafá naquele momento, não havia o **“fazer cada vez mais firme a vossa vocação e eleição”**, como diz o apóstolo. É uma alegria acompanhar esse querido homem um passo adiante (2 Crônicas 20). Pois nos dias de Amom, de Moabe e do monte Seir, o corpo de Josafá voltou a ficar **“luminoso”**. Ele agiu como um filho de Davi deveria agir, buscando o Senhor e somente o Senhor; e tudo era fé, vitória e gozo. Mas quando, em um dia anterior, Micaías foi enviado à *prisão* de Acabe, e o próprio

Josafá foi à *batalha* de Acabe, onde estava então o filho de Davi? Todo o seu corpo era “tenebroso”.

Os cativos, retornados da Babilônia para a terra e cidade de seus pais, nos legaram, da mesma forma, uma lição instrutiva sobre o tema das vestes de **“diversos estofos”**; e sua história oferece tanto encorajamento quanto advertência. Eles não se recusaram a aceitar a punição pelo pecado da nação e, portanto, tomaram seu lugar e se submeteram ao poder gentio que Deus havia estabelecido sobre eles por causa de seus pecados. Eles aceitaram o favor de Ciro, de Dario e de Artaxerxes, no espírito do mandamento **“a quem temor, temor; a quem honra, honra”**. Os cativos referem-se a um poder gentio como **“o grande e afamado Asnapar”** e, evidentemente, sentiam-se gratos pela bondade que lhes fora demonstrada por um após o outro desses poderes, bendizendo a Deus por causa deles e, tenho certeza, de corações prontos a orar pela vida do rei e de seus filhos. Mas, apesar de tudo isso, eles eram um povo separado. A recusa deles à comunhão com os samaritanos foi tão sincera quanto sua aceitação dos favores dos gentios.

O zelo, a vingança e o purificar-se a si mesmos do princípio misto e da abominação de trazer gregos ao templo para profanar aquele lugar santo, foram tão simples e firmes como teriam sido nos dias de Josué ou de Davi. Recusaram-se a usar vestes de diversos estofos. Se tivessem aceitado usar aquelas vestes, isso poderia ter-lhes poupado muitos problemas no andamento da obra de suas mãos, que também era obra do Senhor; mas não puderam e não quiseram. Aquilo não estava de acordo com a ordenança; e eles não quiseram.

Paulo poderia ter evitado a prisão se tivesse aceitado o testemunho da jovem em Filipos; mas, novamente, tratava-se de ajuda samaritana, ou algo pior, e ele não pôde aceitar; e o homem que, naquela ocasião, recusou a túnica de lã e linho, por sua fidelidade, teve os pés presos no tronco e foi acorrentado. Mas, no

fim, tudo acaba bem, tanto para Paulo quanto para os cativos libertados. O Deus deles intercede por eles.

Aqui, porém, surgem alguns pontos novos e sérios de instrução sobre a questão dos princípios mistos. Sinto que posso abordar este assunto com uma percepção de necessidade e aplicação pessoal. A história posterior dos cativos vindos da Babilônia tanto *nos adverte* como também *nos instrui*. Eles recusam a aliança estranha, não querem usar vestes de diversos estofos; mas, em seguida, vestem suas próprias *vestes sem um cinto* – esse é o sentido moral da história. Eles vão construir suas próprias casas quando a inimizade samaritana os impede de construir a casa do Senhor. Isso é uma advertência para nós, assim como foi uma vergonha para eles, e o Espírito do Senhor precisa despertá-los como de um sono profundo e de uma embriaguez. Eles passam a servir a si mesmos quando o serviço ao Senhor é interrompido. O conforto, a indulgência e o prazer próprio tomam o lugar do que havia sido deixado vago. Ageu e Zacarias precisam chamá-los a cingirem seus lombos e a prepararem suas lâmpadas. De modo algum os enviam de volta para negociar com os samaritanos. Eles não lhes dizem que erraram quanto ao recusar vestir vestes de diversos estofos; eles apenas os exortam a vestir as vestes puras que estavam usando – fazer a obra do Senhor à maneira do Senhor, ainda que os samaritanos pudessem novamente resistir a eles.

Tudo isso está cheio de significado para nós. O Espírito de Deus, sejam quais forem as circunstâncias, jamais desejará ver o santo usando **“lã e linho”**; mas, ao mesmo tempo, Ele deseja que a veste pura esteja cingida. Uma veste sem cinto, embora pura, não é segundo Seu pensamento; e muitas vezes Ele percebe a falta disso, como nos dias de Ageu e Zacarias, e essa é a nossa profunda repreensão: *uma posição pura mantida com pouca graça espiritual*.

Os cativos que retornaram estavam na posição correta. O lugar deles era melhor do que o de seus irmãos, que ainda habitavam

as cidades distantes dos incircuncisos, e eles agiram bem, como venho dizendo, ao recusarem aliança com os samaritanos; tal aliança seria apenas o uso de vestes de diversos estofos, de **“lã e linho”**. Isso eles não fizeram, mas aqueles que permaneceram firmes sob tal provação, falham sob outra: embora se recusassem a usar roupas mistas, suas vestes, como vimos, não estavam cingidas e, pior ainda, estavam lamentavelmente sujas e manchadas. Esses Judeus que retornaram estavam em situação muito pior do que seus irmãos que estavam nas terras distantes dos pagãos. Seus caminhos na Terra Santa eram profundamente repreendidos pelos caminhos de seus irmãos entre os gentios.

Lã e Linho: Parte 3

“Não vestirás uma vestimenta de material misto, lã e linho juntamente” (Deuteronômio 22:11 – JND).

Os Judeus *fora da terra* resgataram seus irmãos dos gentios, para quem haviam sido vendidos; enquanto os Judeus *em casa*, ou os cativos que retornaram a Jerusalém, vendiam seus irmãos por dívidas. (Neemias 5) Que visão triste! Que fato humilhante e revelador! Acaso não há muito a ser descoberto que miseravelmente se assemelha a isso? É algo como “forma sem poder”. **“O reino de Deus não consiste em palavras, mas em poder”**. A posição pode ser perfeitamente de acordo com Deus, mas a graça prática e piedosa, com a qual a posição é preenchida e ocupada, pode ser escassa e pobre.

E como isso deveria nos alertar para não confiarmos na virtude de uma posição meramente pura e separada! Se alguém confiasse nela ou a mantivesse com um coração não julgado e não vigiado, até mesmo os incircuncisos poderiam repreendê-lo. Muito amor e serviço são frequentemente encontrados *dentro*, como tenho falado, enquanto pouco do poder da santidade e da mente celestial acompanha aqueles que vão *para fora*. O que quero dizer é o seguinte: muitas vezes há menos graça e poder moral na posição mais pura do que há no relacionamento contaminado, como no caso de Jônatas. Davi o amava profundamente, embora ele não fosse seu companheiro. Mas os companheiros de Davi em suas tentações, por vezes, representavam uma provação para ele, chegando a cogitar apedrejá-lo, enquanto Jônatas, pessoalmente, sempre era gentil com ele.

Que contraste entre o *exterior* e o *interior*! E, no entanto, a posição exterior de Davi era a posição de glória, enquanto seus companheiros ocupavam a posição correta. Mas que manifestações são todas essas! E, ainda assim, observamos o tempo que nos cerca neste momento. Não há lição que eu queira

ênfatizar mais para a minha própria alma do que esta – e creio que posso dizer que a valorizo: *posição sem resposta, princípios além da prática, zelo pela ortodoxia², pela verdade e pelos mistérios, com pouca comunhão pessoal com o Senhor – a alma permanece em constante temor, e em igual julgamento e recusa de todas essas coisas.*

A seriedade acerca de muitas coisas corretas que foi encontrada em Éfeso, a agitação e a atividade, até mesmo de natureza religiosa, que prevaleciam em Sardes, e a ortodoxia de Laodiceia, foram todas desafiadas pelo Senhor, e nós justificamos profundamente esse desafio (Ap 2:3). O dízimo da hortelã e do endro, quando o juízo e a misericórdia eram ignorados, foi exposto pela mente divina de Cristo; e no Espírito, o santo se une à exposição: **“Ou faça a árvore boa e o seu fruto bom, ou faça a árvore má e o seu fruto mau”**.

Recusamos uma posição sem poder, assim como princípios sem prática; ou verdade, e mistérios e conhecimento sem o próprio Cristo e sem comunhão pessoal com Ele. Mas na página imaculada e perfeita da Palavra, encontramos *tudo* honrado, e nada está plenamente segundo Deus senão onde cada coisa e todas elas sejam honradas em seu lugar e medida. Como Ele próprio diz: **“deveis, porém, fazer estas coisas, e não omitir aquelas”**. Mas aqui me afastarei por um instante do assunto para algo que é um doce alívio para a alma: que conhecê-Lo em *graça* é o Seu louvor e o nosso gozo. Instintivamente, pensamos n'Ele como Alguém que *exige obediência e espera serviço*. Mas a fé O reconhece como Aquele que *comunica*; que nos fala dos *privilégios*, e não dos deveres; do amor, da liberdade e das bênçãos do nosso relacionamento com Ele, e não das correspondentes retribuições da nossa parte.

Esta é a verdade, amados, de que precisamos também nos dias de hoje, embora possa estar um pouco fora do meu pensamento principal neste momento.

O chamado de Deus nos separa, mas precisamos do Espírito de Deus para ocupar a posição segundo Deus, e de uma mente amorosa e devotada. **"Bom é o sal"**, o princípio divino é a coisa boa. Mas o sal pode perder seu sabor. *A posição correta ou o princípio divino podem ser entendidos e professados, mas pode não haver nenhum poder de vida neles.*

Que variedade de ensinamentos morais são assim oferecidos à alma nas palavras do Senhor! Mas continuemos a ouvir, e continuaremos a aprender, pois a mina nunca se esgota.

A história das duas tribos e meia nos oferece uma lição peculiar. Elas não se assemelham a Ló, nos dias de Abraão, embora em alguns aspectos possam nos lembrar dele. Pois, como acabei de dizer, é admirável a variedade de caráter moral e de experiência Cristã que se apresenta à alma nas histórias da Escritura; as luzes e as sombras devem ser observadas, assim como as características principais. Isso nos impressiona fortemente na história desse povo. Eles não são Ló, mas nos fazem lembrar dele. Como Ló, a história deles começa fixando os olhos nas planícies bem regadas, boas para o gado. Ainda estando do lado do deserto do Jordão, eles pensam em seu gado: Abraão, seu pai, nunca havia estado naquele lado do rio. Moisés não havia dito nada a eles a respeito daquelas planícies de Gileade. Nem suas expectativas, quando chamados para fora do Egito, pararam aquém da terra de Canaã. Mas Rúben, Gade e Manassés *tinham gado* e reivindicaram uma herança naquela região, nas fronteiras orientais ou no deserto do rio, pois ali o gado poderia pastar com proveito.

Eles não tinham a menor intenção de se revoltar, de sacrificar a porção de Israel, ou de separar a si mesmos ou seus interesses do chamado de Deus. Mas seu gado estaria bem provido em Gileade, e lá desejavam permanecer, embora, é claro, apenas como israelitas sob o chamado de Deus. Quão natural! Quão comum! Eles mantêm a esperança do povo de Deus, embora não andem no lugar adequado a essa esperança. Em poder de caráter

e conduta, não eram um povo morto e ressuscitado, mas eram um em fé com tal povo. Declarariam sua aliança com as tribos que atravessariam o Jordão, embora eles mesmos permanecessem no lado deserto do rio. Eles não eram como Ló, um povo de princípios mistos, que deliberadamente molda sua vida por algo inconsistente com o chamado de Deus; mas eles eram duma geração que, reconhecendo e valorizando esse chamado, e rejeitando a ideia de qualquer esperança que não estivesse ligada ao chamado, não estava no poder dele. Novamente digo: quão comum! Esta é uma geração numerosa. Conhecemos a nós mesmos bem demais para nos surpreendermos com isso.

Moisés fica inquieto com esse movimento e expressa sua inquietação com muita firmeza. Ele diz ao povo que eles lhe trazem à memória a conduta dos espias que ele havia enviado anos antes de Cades-Barneia, e cujo comportamento desanimou seus irmãos e os obrigou a peregrinar por quarenta anos no deserto. Havia algo tão contrário entre o chamado de Deus para fora do Egito, na esperança de Canaã, e essa demora em qualquer trecho do caminho; e Moisés se ressentia disso. E é ruim quando isso acontece, quando o primeiro pensamento instintivo de um santo, caminhando no poder da ressurreição de Cristo, é o de alarme diante do que vê ou ouve de um irmão: e, no entanto, quão comum é isso! Rúben, Gade e a meia tribo de Manassés precisam se explicar e dar novas garantias de que de modo algum se separaram da comunhão e dos interesses de seus irmãos; e fazem isso com zelo e integridade. Nisso, eles não são como Ló. Eles não teriam conquistado Gileade Oriental se isso significasse a perda de sua identidade com aqueles que estavam indo para Canaã Ocidental.

Mas Moisés não podia deixá-los ir como Abraão se separou de Ló; eles não deviam ser tratados dessa maneira. Nem o juízo de Deus os atingiu, como atingiu os espias incrédulos que trouxeram um relatório negativo sobre a terra. Mas Moisés os observava com

temor por eles, e seus pensamentos estavam ocupados com eles de maneira ansiosa e inquieta.

Que nuances de diferença encontramos nessas diferentes ilustrações de caráter! Que diversas texturas podemos examinar nessas lãs e linhos! Diferentes classes entre o povo de Deus, e nuances de diferença na mesma classe. Temos Abraão, Moisés e Davi; temos Ló, Jônatas e as tribos de Gileade; temos Josafá e Obadias – e, no entanto, este é o povo de Deus. Sodoma era o lugar de Ló, a corte de Saul era o lugar de Jônatas, e o palácio de Acabe era o de Obadias; enquanto Abraão habitava em uma tenda, Davi em uma caverna na terra, e Elias com as provisões de Deus no ribeiro de Querite, ou na gentia Sarepta. Aqui havia distâncias. E assim, acontece entre Jônatas e os outros, pois Jônatas (falando de maneira estrita ou fazendo distinção entre eles) não era nem Ló nem Obadias, embora os consideremos, de maneira geral, como uma mesma classe. Obadias também não era exatamente Ló. E entre Ló, Jônatas e Obadias, de um lado, e Moisés, Abraão e Elias, e outros semelhantes, do outro lado, vemos os rubenitas, os gaditas e a meia tribo de Manassés – uma geração que não admite a ideia de se separar do chamado e do povo de Deus, mas que demonstra em ações morais aquilo que é incompatível com esse chamado.

E esta é, de fato, uma classe comum – aliás, esta é *a classe* comum (veja Números 32). O próprio coração sabe disso muito bem. Josué, que tinha o espírito de Moisés, mantém esse mesmo povo sob certo temor e suspeita, assim como Moisés fizera antes. Ele os chama para perto de si e lhes dirige uma palavra especial de exortação e advertência, quando começa o tempo de ação no arraial de Deus (Josué 1). Pequenos detalhes da Escritura às vezes são muito reveladores. Não tenho dúvidas de que isso se aplica a Josué 1. Quanto às tribos em geral, Josué apenas disse: **“Provede-vos de comida, porque dentro de três dias passareis este Jordão, para que entreis a possuir a terra que vos dá o SENHOR vosso Deus, para a possuídes”**. Eles estavam livres, estavam prontos para a jornada; bastava saber a hora da partida. Como

Noé, tudo estava pronto para a jornada a outro mundo, e ele só precisava de tempo para colocar a si mesmo e sua família na embarcação. As duas tribos e meia não estavam tão bem preparadas para a jornada. Estavam sobrecarregadas e, instintivamente, por assim dizer, Josué agiu com elas como se fossem uma bagagem pesada na hora de levantar acampamento. Ele teve que desafiá-las – ou pelo menos *sentiu* que teve – para lembrá-las de seus compromissos com Israel, pois elas não estavam sob seu olhar, como se fossem o próprio Israel. Em certa medida, ele é para elas o que o anjo que veio a Sodoma foi para Ló.

Então marquem essas mesmas pessoas novamente em Josué 22.

A arca havia atravessado, os pés dos sacerdotes que a carregavam haviam dividido as águas do Jordão, e a arca havia atravessado, conduzindo e abrigando o Israel de Deus; e é verdade que Rúben, Gade e Manassés também atravessaram. Mas Israel e a arca permaneceram lá, e as duas tribos e meia retornaram – retornaram para *se estabelecer* onde seus irmãos haviam apenas *peregrinado* – retornaram para apresentar essa visão questionável e estranha, os israelitas encontrando seu lugar e seus interesses fora dos limites naturais de sua herança prometida, encontrando um lar onde a arca jamais havia repousado.

Antes de partirem para o retorno, Josué parece pressentir isso e especialmente os adverte e exorta; e assim que atravessam a fronteira e chegam ao local que haviam escolhido, eles também começam a sentir isso. Não estão completamente em paz consigo mesmos e erguem um altar. Isso soa muito significativo para nós. Um israelita na terra de Gileade, nos dias de hoje, entenderia.

Desta mesma maneira, Josafá estava inquieto quando se viu no trono com Acabe, e sob a pressão dessa inquietação (que acomete o coração de um verdadeiro israelita em um lugar incircunciso), pediu um profeta do Senhor. Essa é a linguagem da

mente renovada em terra estrangeira. As duas tribos e meia ergueram um altar e o chamaram de “**Ede**”. Era um testemunho, como eles pretendiam, de que o Deus de Israel era o Deus deles, de que eles tinham parte nas esperanças e no chamado do Israel de Deus. Mas por que tudo isso? Se tivessem assumido sua porção em Canaã, não precisariam disso; teriam tido o *original* e não um *reflexo*. A alma deles teria o testemunho *interiormente*, e “**Ede**” não seria necessário *exteriormente*.

Mas eles não estavam em Canaã, e sim em Gileade. Siló não estava à vista, e eles tiveram que se apoiar em algum artifício, algum recurso secundário, para sustentar sua confiança com alguma muleta criada por eles mesmos, para que se soubesse que eles e o Israel de Deus eram um. Tudo isso é repleto de significado e ainda é vivenciado até hoje. Algum testemunho do *que* somos e de *quem* somos como santos é ansiado pela alma e exigido por outros quando nos encontramos em uma posição no mundo com a qual o chamado de Deus não se harmoniza completamente. Algum testemunho artificial ou secundário se torna desejável; o apoio ou a aceitação dos outros, o exame de nossa própria condição pessoal, com muitas inquietações da alma, reflexões interiores sobre tudo isso, lembranças de tempos melhores invocadas de tempos em tempos. Algo desse caráter secundário, como o altar em Ede, é necessário quando a alma não é totalmente simples e fiel: tudo isso ainda é conhecido, e tudo isso, creio eu, está escrito nesta coluna na terra de Gileade.

A mulher de Ló, a coluna de sal, tem uma inscrição gravada sobre ela que o próprio Mestre divino decifrou para nós e, não duvido, o Espírito Santo, o Espírito da verdade, quer que nós, sob a Sua unção, leiamos e aprendamos a inscrição nesta coluna, que os israelitas fora dos limites naturais da herança prometida outrora ergueram. Ela pode servir de advertência à nossa alma, se amamos a tranquilidade e a segurança do coração, e a profunda paz de espírito, para não retornarmos e encontrarmos um assentamento onde a Igreja de Deus encontrou, por direito, um local de peregrinação. Será que a minha alma lê esta inscrição?

Todo coração conhece a sua própria humilhação. Estas perturbações do espírito, esta exigência de Josafá por um profeta de Jeová, este altar de Ede, testemunham tanto a nosso favor quanto contra nós. Eles revelam uma mente santa ou renovada, mas revelam-na em tais condições, tais exercícios e experiências, que um amor mais sincero e pleno a Cristo teria evitado.

Rúben, Gade e Manassés são desafiados pela segunda vez. Josué e as tribos de Canaã precisam desafiá-los agora, assim como Moisés teve que fazer antes. O altar deles em Gileade desperta suspeitas, pois o desejo deles de se estabelecerem em Gileade despertou suspeitas na época. Isso é completamente natural, comum e sintomático. Os santos em Gileade não são daqueles que fazem **"cada vez mais firme a vossa vocação e eleição"** no coração de seus irmãos, pelo menos não sem alguma investigação. Uma grande agitação se instaurou entre as tribos que estavam em Canaã, e que detinham a posse consciente de Siló e do tabernáculo de Deus ali, e uma embaixada foi formada para investigar o assunto. Algo, eles não sabiam o quê, chamou a atenção deles, algo que, no mínimo, parecia estar em desacordo com o chamado comum de Israel; e precisava, no mínimo, ser explicado.

Que imagem vívida é essa! Certamente nos sentimos à vontade em um lugar como este e conhecemos os costumes do local. Creio que o apóstolo, nas Epístolas aos Coríntios, no Novo Testamento, é muito parecido com Finéias, filho do sacerdote Eleazar, atravessando o rio para indagar sobre a coluna na terra de Gileade. Havia coisas em Corinto que alarmavam Paulo, sintomas de um triste afastamento do chamado comum dos santos celestiais. Eles pareciam estar entre os **"príncipes deste mundo"**, reinando como reis na Terra. Seu ministério na mansidão e gentileza de Cristo estava sendo desprezado, enquanto outros eram valorizados por causa de sua posição e vantagens no mundo. O caminho das escolas, o caminho da sabedoria dos homens, estava recuperando sua autoridade, e os santos

pareciam estar retornando para *se estabelecer* onde a Igreja seria apenas uma estrangeira desconhecida.

No zelo de Josué 22, Paulo atravessa o rio e, seja qual for a descoberta, a ação é dolorosa, e a necessidade dela, um escândalo na história da Igreja. As tribos de Gileade podem satisfazer Finéias e seus irmãos mais do que os santos coríntios satisfizeram o apóstolo; todas essas diferenças e variedades nas condições do povo de Deus são conhecidas até hoje, mas há esta tristeza e humilhação comuns de que o chamado e a eleição não estão tornados firmes; e temos que ou empreender jornadas, ou provocar jornadas, para que nossos caminhos, nosso Ede, nossos altares, nossas colunas, o balido de nossos rebanhos nas planícies de Gileade, possam ser inspecionados e investigados, em vez de descansarmos e nos alimentarmos juntos, e juntos nos reunirmos em torno do tabernáculo e do altar em Siló e aprendermos os segredos deles.

No Novo Testamento, a Igreja em Corinto era o israelita no lado do deserto do rio. Os temores do apóstolo a respeito dos santos ali não diziam respeito a influências Judaizantes, nem se deviam à atuação da liberdade de pensamento e especulações infiéis, pelo menos na época da segunda Epístola; nem diziam respeito à transformação da graça em libertinagem. Esses temores ocupam a mente do Espírito ao se dirigir a outros santos e igrejas; mas em Corinto, era o *mundo* que era temido. Certo homem parece ter atraído a atenção dos santos de lá; ele era alguém que tinha, tanto por natureza quanto por circunstâncias, algo que atraía o coração meramente mundano do homem. Ele era, creio eu, como se diz na linguagem moderna, um cavalheiro. Tinha uma bela aparência e uma fortuna independente, e os santos de Corinto evidentemente haviam se deixado influenciar em grande medida por ele. Em certa medida, foram enganados. Começaram a olhar as coisas segundo a aparência exterior; estavam permitindo que um homem se vangloriasse e tomasse ocasião de ser alguém entre eles, simplesmente por causa da vantagem que tinha da natureza e das circunstâncias.

O apóstolo teve de resistir a uma condição tão má de coisas. A afeição e a confiança para com ele tinham sido retiradas em certa medida, porque ele não tinha tais vantagens das quais se gloriar, vantagens que eles estavam começando a valorizar. E certamente ele estava decidido a não se afetar com tais coisas de modo algum. Embora tivesse certas qualidades "na carne" das quais pudesse se orgulhar, preferia se gloriar em suas fraquezas. Ele seria "fraco em Cristo". O apóstolo expôs as vantagens naturais ou mundanas que esse homem possuía e utilizava entre os santos, assim como Moisés expôs a roupa de lã e linho ou outras misturas. **"Não vos prendais a um jugo desigual com os incrédulos"** (AIBB), diz ele aos santos agora, assim como Moisés disse a Israel no passado: **"Com boi e com jumento não lavrarás juntamente. Não te vestirás de diversos estofos de lã e linho juntamente"**. Mas o próprio Paulo não estava preso a esse jugo nem vestido dessa maneira; de fato, não estava. Ele estava entre os primeiros da tribo de Judá a atravessar o rio.

Certamente posso dizer que todas essas coisas ilustram lições proveitosas para nós. Não devemos estar misturados com aquilo do qual o chamado de Deus nos separa; não devemos vestir a veste de vários estofos. Mas, se a recusarmos e vestirmos apenas o traje puro, tomando o lugar e sendo achados na relação para a qual o chamado de Deus nos conduz, devemos estar ali com uma veste *cingida*, assim como *sem mistura*, e também vigiar para que esteja *sem mancha*. O mundo é aquilo para cuja melhoria Cristo não nos chama, mas do qual Ele nos chama à separação. Mas, amados, se exteriormente tomarmos o lugar separado, busquemos a graça e o poder que somente podem adornar e equipar esse lugar para o Senhor!

E assim é a natureza da hora que estamos atravessando. O deus e príncipe deste mundo está permitindo que os cidadãos varram e adornem a sua casa, e eles são levados a admirá-la novamente em seu estado adornado, e a se iludirem pensando que não é mais a mesma casa de antes. Mas esse erro é grave; ela continua sendo a morada do espírito imundo tanto quanto sempre foi, e

ainda mais adequada para ele, por estar varrida e adornada, e em breve ele usará todas essas ações dos cidadãos para seus propósitos finais e mais terríveis. **"Quem Comigo não ajunta, espalha"**.

Nosso trabalho está de acordo com o *propósito* de Cristo? Está de acordo com a regra de *Seus* pesos e medidas? Se não estiver, embora possamos trabalhar em *Seu nome*, estamos apenas fazendo o que o inimigo logo usará em seu proveito próprio. Na parábola, o varrer e o ornamentar acabam por se revelar, no fim, ter sido tudo para o espírito imundo, a quem a casa pertencia tanto quanto sempre pertencera, embora seja verdade que ele a tivesse deixado por um tempo. Tudo o que é feito para o aprimoramento da casa é feito para o dono da casa, e Satanás é o deus do mundo tanto quanto sempre foi e continuará sendo até o julgamento que o Cavaleiro do cavalo branco fará. A longa paz entre as nações, da qual a Europa desfrutou por tanto tempo e até recentemente, proporcionou ampla ocasião para a limpeza e o embelezamento da casa. No caminho do homem, a espada se transformou em arado. A Terra e seus recursos, o homem e sua habilidade, foram produzidos e cultivados além de tudo o que já se conheceu; e a casa tem uma aparência diferente do que era, agora que está sob o domínio desses trabalhos de limpeza e ornamentação de seus servos. O progresso nas letras, na moral, no refinamento e na religião é imenso; sociedades de paz, sociedades de temperança, literatura para milhões e música para milhões, com a confederação geral das nações, anunciam tudo isso em voz alta, assim como os alardes da época, que são ouvidos a cada hora.

Mas essa diligência está de acordo com a mente do verdadeiro dono da casa, ou do deus deste mundo. Esta é uma verdade séria. **"Quem Comigo não ajunta, espalha"**. Esta é uma palavra séria. **"Não vos prendais a um jugo desigual com os incrédulos"**. É confusão. É a tecelagem ilícita de lã e linho juntos. Mas, amados, enquanto se diz isso, o coração reconhece e se humilha com a confissão de que muitos servos de Cristo, queridos e sinceros,

que trabalham com um propósito equivocado e não segundo os pesos e medidas que estão de acordo com o padrão do santuário, com verdadeira afeição, zelo, sinceridade, diligência e fervor, podem estar muito à frente de outros de nós que discerniram claramente seu erro.

Temo a indiferença ainda mais do que a mistura. Eu evitaria Laodiceia mais do que Sardes. Que possamos aprender a lição com ambas as suas características: Sardes, com a sua agitação religiosa que lhe dava um nome de que vivia, não servirá; Laodiceia, com o seu egoísmo, frieza de coração e satisfação, também não servirá. Sejam *diligentes*, mas em *puro* serviço; usemos os nossos talentos, mas usemo-los para um *Mestre rejeitado*, não esperemos nada do mundo que O expulsou, mas contemos com tudo na Sua própria presença, no futuro.

J. G. Bellett

Notas

[←1]

N. do T.: Na versão King James há uma anotação em Romanos 2:18 que sugere que a frase “**aprovas as coisas excelentes**” também pode ser traduzida como “**discernes as coisas que diferem**”.

[←2]

N. do T.: Qualidade ou característica do que é ortodoxo, que provém da palavra grega "*orthos*" que significa "reto" e "*doxa*" que significa "fé". É o que está em conformidade com a doutrina tida como verdadeira.